

DESIGN SOCIAL E O MOVIMENTO NEGRO: PROPOSTAS GRÁFICAS PARA O KILUMBA- GRUPO DE MULHERES NEGRAS DE PELOTAS

ANA LÚCIA BARBOSA PINTO¹; ROBERTA COELHO BARROS²

Universidade Federal de Pelotas - analuciabp@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pelotas - robertabarros@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o design social e, mais especificamente, o design como forma de ativismo em questões sociais. Com base no Trabalho de Conclusão de Curso da autora - que tem o foco na luta contra o racismo e o objetivo de criar soluções gráficas de comunicação para o Kilumba (grupo de mulheres negras de Pelotas), o presente estudo apresenta parte do levantamento teórico realizado até o momento para viabilizar essas soluções. O grupo Kilumba propõe reflexões sobre a inclusão da mulher negra na sociedade, seja questionando padrões de beleza, refletindo sobre a violência que sofrem no dia a dia, entre outros.

Durante mais de três séculos a sociedade brasileira se utilizou da escravidão e a população negra foi a principal mão-de-obra escrava. Segundo Maestri Filho (1988), as principais atividades econômicas se utilizaram do trabalho escravo. Contudo, com o passar do tempo, a escravidão foi se tornando um empecilho à economia e então se optou por aboli-la. De acordo com Queiróz (1982) foram várias décadas de lutas e resistências e, em 1888, a lei Áurea decretava o fim da escravatura no país.

Apesar de a população negra ter saído daquela condição, sua situação não melhorou completamente. O negro foi abandonado à própria sorte e não houve preocupação por parte dos governantes para incluí-lo na sociedade. A população negra acabou se mobilizando e dando origem a várias entidades e organizações para superar o descaso, essa criou clubes carnavalescos, clubes de futebol, grupos de dança, sociedades beneficentes, jornais, entre outros. A população negra pelotense se organizou como forma de lutar contra abandono do estado. A mobilização dos negros da cidade se deu das mais variadas formas, através de atividades voltadas ao lazer, atividades culturais, assistência social, criação de empregos, acesso à educação, etc.

Como resultado dessa mobilização temos os clubes carnavalescos Chove Não Molha e Fica Aí Pra Ir Dizendo, voltados para a vida social da população negra, a Cooperativa de Reciclagem, Integração e Ação Social do Bairro Getúlio Vargas (CRIAS-BGV), voltada para a geração de trabalho e renda (ÁVILA; 2008). A Frente Negra Pelotense que entre outras coisas lutava por educação, conforme traz Edison Santos (2000). E ainda temos o exemplo do jornal A Alvorada, um importante meio de comunicação da população negra e que denunciava em suas páginas a discriminação racial, divulgava eventos, fazia campanhas voltadas aos negros, entre outros (SANTOS; 2003). Além dessas, houve outras formas de resistências que contribuíram muito na luta por igualdade racial na cidade.

Contudo, os negros ainda hoje sentem a necessidade de se mobilizarem. Entendem que persistem as desigualdades, a exclusão e a discriminação e buscam das mais variadas formas lutar para que essa realidade mude. Neste momento, então, cabe trazer o design gráfico que é uma área que trata da comunicação visual e que possui diversas funções na sociedade.

O design gráfico busca transmitir visualmente informações, ideais ou conceitos que determinado cliente deseja passar. Usando do texto e da imagem, procura maneiras mais apropriadas para alcançar seu público alvo e fazer com que uma mensagem fique na memória. Embora o design gráfico tenha forte ligação com área comercial, em vários momentos se cobrou uma postura crítica por parte dos profissionais sobre as mensagens veiculadas.

A ideia de trabalhar com mensagens responsáveis e que contribuam positivamente na sociedade foi defendida por designers no passado e tem sido defendido ainda hoje. Braga (2011) comenta que nas primeiras escolas de design no Brasil, foi defendida uma atitude consciente no mercado em relação ao papel do designer em termos sociais.

Além disso, o design voltado especificamente às causas sociais também foi e tem sido posto em prática e, em várias manifestações, campanhas ideológicas e grupos sociais, o design se mostrou presente em forma de cartazes, jornais, revistas, etc. Essa área de atuação do design onde foco não é o mercado, mas o seu resultado social trazido, trata-se do design gráfico usado como uma ferramenta de questionamento e mobilização social, dedicado à divulgação de ideologias e à busca de melhoria social, afirma Neves (*in* BRAGA; 2011).

A autora comenta que cada vez mais é discutida a questão, seguindo uma tendência mundial, onde quase todas as áreas profissionais cobram a responsabilidade sobre os efeitos que cada causa na sociedade. Essa área de atuação tem como objetivo trabalhar com mensagens de denúncia e crítica que tenham a intenção de mudar o quadro social, econômico e político. E a autora também diz que garantir que uma mensagem seja positiva e que acrescente aos seus espectadores conhecimento e informações importantes e benéficas é um ato de cidadania e de responsabilidade com o trabalho de designer.

Pode-se verificar o uso do design em questões da sociedade, por exemplo, nas manifestações contra a guerra entre EUA e Iraque, ocorrida em 2003, e nas manifestações de maio de 1968, em Paris, conforme mostra Neves (*in* BRAGA; 2011). Também se mostrou presente na revolução cubana ocorrida em 1959, principalmente na forma de pôsteres e nas manifestações contra a guerra do Vietnã, afirma Hollis (2001).

2. METODOLOGIA

O trabalho possui caráter qualitativo, pois busca explorar os temas escolhidos através de levantamento bibliográfico e pesquisa documental. A pesquisa é qualitativa porque pretende compreender e descrever fenômenos e não essencialmente quantificar informações.

Através do levantamento bibliográfico, que consiste no estudo “sistemizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”¹, buscou-se a base teórica deste trabalho. São utilizados autores como: Maestri Filho (1988), Suely Queiróz (1982), Dilson Marsico (1997) e Verônica Monti (1985), sobre a história do negro na sociedade; e Carla Ávila (2008), Ginamar Farias (2000), Edison Santos (2000) e José Antônio dos Santos (2003) sobre organizações criadas pela população negra pelotense ao longo da história. E ainda utiliza autores como André Villas-Boas (2001), Richard Hollis (2001), Rafael Cardoso (1998), Marcos Braga (2011) e Flávia Neves (*in* BRAGA; 2011) e Maria Curtis (*in* BRAGA; 2011) sobre o design gráfico, o design social e o design como ativismo.

1- Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisaMoresi2003.pdf> (Acesso em: 21/11/2014).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de conclusão de curso da autora está ainda em desenvolvimento e encontra-se na finalização da parte teórica. Os dois primeiros capítulos já foram realizados, faltando apenas algumas alterações, a prática que será feita posteriormente consiste na realização do redesign da marca do grupo Kilumba e de peças gráficas para ajudar na sua comunicação e divulgação como cartazes, panfletos ou que se mostrar mais adequado.

Até esse momento foi possível observar como o design ativista pode contribuir na sociedade e como na história do negro as mobilizações foram importantes.

4. CONCLUSÕES

Acredita-se que este trabalho contribuirá com a área do design, pois vem somar ao debate sobre o papel deste profissional em termos sociais, enriquecendo-o e acrescentando novos pontos de vista. O papel social do design tem sido debatido nas universidades, entre os profissionais, nas associações de design. E a sociedade em geral também tem cobrado mais essa questão, há uma maior consciência em relação a questões sociais por grande parte das pessoas. De modo que a população está cada vez mais exigente, ciente não só dos seus deveres, mas também dos seus direitos, cobra com maior frequência uma postura dos profissionais diante questões de âmbito social, ambiental, político.

O design social foi usado ao longo do tempo como uma forma de lutar por mudanças sociais e mostra que ainda pode contribuir nas reivindicações de hoje em dia. Ao longo da pesquisa se conseguiu ampliar mais a discussão do design e sua função na sociedade, trazendo novos pontos de vistas e possibilidades de atuação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILA, Carla Silva de. **Negros em movimento, o movimento dos negros: A mobilização negra em Pelotas 1987-2007**. Pelotas, 2008. 104 f. TCCP (Especialização em Sociologia e Política) - Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

BRAGA, Marcos da Costa (Org.). **O papel social do design gráfico: história, conceitos e atuação profissional**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2011. 183 p.

FARIAS, Ginamar Oliveira. **Um olhar sobre as origens dos clubes de etnia negra- "Fica Ai Pra Ir Dizendo" e "Chove Não Molha"**. Pelotas. TCC. (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2000.

HOLLIS, Richard. **Design gráfico: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 248 p.

MAESTRI FILHO, Mário José. **A servidão negra**. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1988. 152 p.

MORESI, Eduardo. (Org). **Metodologia da Pesquisa**. Disponível em:
<http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisaMoresi2003.pdf> (Acesso em:
21/11/2014).

NEVES, Flávia de Barros. Contestação gráfica: engajamento político-social por meio do design gráfico. In: BRAGA, Marcos da Costa (Org.). **O papel social do design gráfico: história, conceitos e atuação profissional**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2011. 183 p.

QUEIROZ, Suely R. Reis de. **A abolição da escravidão**. 2. Ed. São Paulo. Brasiliense, 1982. 97 p.

SANTOS, Edison Luiz Nascimento dos. **A frente negra pelotense (1933-1935)**. Pelotas, TCC (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2000.

SANTOS, José Antônio dos. **Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e a imprensa-Pelotas (1907-1957)**. Pelotas. Ed. Universitária, 2003.224p.

VILLAS-BOAS, André. **O que é [e o que nunca foi]: design gráfico**. 4.ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2001. 75 p.